

ARTIGOS
ARTICLES
ARTÍCULOS

Silêncio-crítica-aprendizado: uma análise teológica introdutória ao tema do mal

Silence-critique-learning: a theological introductory analyses of the theme of evil

Silencio-crítica-aprendizaje: un análisis teológico introductorio al tema del mal

Claudio de Oliveria Ribeiro

RESUMO

O texto apresenta implicações para o tema do mal oriundas do encontro da teologia com o pensamento moderno, tanto o que se consolidou no final do século 19, fortemente marcado pelo racionalismo e pelo iluminismo, como o que resultou das críticas vindas das filosofias da existência já nas primeiras décadas do século 20. Trata também da relação entre o mal e o pecado e do mal e do sofrimento como fragilidades originais do ser humano. A referência interpretativa é a de evitar as visões de uma “teologia da retribuição”, meritória, capaz de em seu extremo gerar a ideia de um deus cruel. O mal é visto, sobretudo, por aquilo que prejudica ou fere a vida e a felicidade do humano e do mundo. Como decorrência da vocação prática da teologia, são indicadas posturas consideradas adequadas frente ao mal.

Palavras-chave: Mal; pecado; teologia contemporânea; antropologia.

ABSTRACT

The paper presents implications for the issue of evil arising from the encounter of theology with modern thought, which were consolidated both, in the late nineteenth century, strongly influenced by rationalism and the Enlightenment, and the first decades of the twentieth century, by the criticism of existentialist philosophy. It also addresses the relationship between evil and sin and evil and suffering as a unique human frailty. The interpretive reference is to avoid the visions of a “theology of retribution,” worthy, capable of generating at its extreme the idea of a cruel god. Evil is seen above all by what harms or injures life and happiness of the human and the world. As a result of the practical nature of theology, are indicated attitudes considered appropriate against the evil.

Keywords: Evil; sin; contemporary theology; anthropology.

RESUMEN

El texto presenta implicaciones para el tema del mal provenientes del encuentro de la teología con el pensamiento moderno, tanto el que se consolidó hacia finales del siglo XIX, fuertemente marcado por el racionalismo y por el iluminismo, como el que resultó de las críticas provenientes de las filosofías de la existencia desde las primeras décadas del siglo XX. Trata también de la relación entre el mal y el pecado y del mal y del sufrimiento como fragilidades originales del ser humano. La referencia interpretativa es la de evitar las visiones de una “Teología de la retribu-

ción”, meritoria, capaz de gerar, em su extremo, la idea de un dios cruel. El mal es visto, sobre todo, por aquello que perjudica o hiere la vida y la felicidad de lo humano y del mundo. A partir de una vocación teológica práctica serán indicadas algunas posturas consideradas adecuadas frente al mal.

Palabras clave: Mal; pecado; teología contemporánea; antropología.

Introdução

A realidade do mal, presente na vida humana, sempre desafiou os grupos religiosos e os círculos teológicos. Isso se deu sobretudo pelo questionamento da concepção de justiça na célebre pergunta “se Deus é bom por que há o mal no mundo?”. As pessoas e grupos ao enfrentarem a realidade do mal, marcada pelas mais distintas formas de sofrimento, por tragédias, por violências e pela morte sempre indagaram sobre a origem do mal que lhes acometia e se há um sentido a ser descoberto em todas essas experiências negativas da vida. Ao mesmo tempo, as representações do mal, como as imagens do Diabo, do inferno e similares sempre fascinaram as pessoas e mobilizaram a atenção delas, quer seja pelo medo, ou pela disposição em combatê-los com rituais e práticas religiosas, ou pela crítica racional e ética. O mal sempre desafiou a humanidade.

A teologia moderna e atual percebeu logo de início que era imprescindível que a realidade do mal, em especial suas origens, fosse analisada com as mediações do conhecimento científico, sobretudo o das ciências humanas e sociais. Isso se deu pelo próprio método teológico moderno, que requer tais mediações para abordar qualquer realidade ou questão. No caso do mal, a mediação científica para as abordagens teológicas ganharam relevância, especialmente em função da roupagem medieval que o tema possuía e ainda possui. O diabo, como personificação do mal, ainda assusta muito as pessoas nos dias de hoje!

As reflexões que propomos a seguir são introdutórias ao tema. Elas pressupõem todos os esforços que vêm das ciências sociais e antropológicas especialmente, mas também da história, para compreender as representações sociais do mal e como elas foram e são utilizadas ideologicamente para reforçar processos repressivos, excludentes e inquisitoriais.

Nosso modesto objetivo é fazer uma primeira aproximação ao tema, situando a questão do mal em perspectiva teológica. O ponto mais destacado de nossa reflexão é o balanço em relação às implicações que o pensamento teológico moderno, marcado pelo racionalismo e pelos ideais iluministas, conferiu à questão do mal, especialmente as dificuldades de ressignificação das imagens que o representam, como o diabo, o inferno, e outras, como a do pecado, por exemplo, que ganharam um perfil bem determinado no mundo medieval e que hoje são de difícil abordagem. Além disso, desejamos mostrar que o século 21 foi denso de contribuição no campo teológico em vários aspectos e, especificamente no tocante ao

tema do mal, foram criadas melhores condições de abordagem especialmente pela revisão e recriação teológica diante do contexto de sofrimento e de destruição vivenciados nos escombros das guerras mundiais, cujos efeitos não ficaram restritos à Europa, e pelo contexto socioeconômico de pobreza e de desigualdades sociais que marcou a vida e a morte de massas consideráveis da população em vários continentes. O mal e o diabo ganharam nomes próprios como o nazismo, o neoliberalismo econômico, os totalitarismos ‘à direita e à esquerda’. Mas, o mal continua presente para além dessas forças e atinge as pessoas com doenças cuja origem não é facilmente explicada, com mortes súbitas, tragédias e uma lista enorme de situações que se tornam misteriosas e enigmáticas para a razão humana. Portanto, as reflexões sobre o mal, seja a de caráter filosófico, histórico, sociológico, antropológico, psicológico ou teológico cada vez mais se tornam relevantes.

Nessa abordagem teológica, temos como referência o universo que se consagrou denominar como civilização cristã ocidental. Reconhecemos que outros enfoques precisariam ser dados para uma abordagem mais consistente e abrangente em relação ao tema do mal. Nossa trajetória será a de apresentar em um primeiro momento, as implicações, em linhas gerais, para o tema do mal oriundas do encontro da teologia com o pensamento moderno, tanto o que se consolidou no final do século XIX, fortemente marcado pelo racionalismo e pelo iluminismo, como o que resultou das críticas vindas das filosofias da existência já nas primeiras décadas do século XX.

Na sequência, por considerarmos inevitável, por diferentes razões, tratar da relação entre o mal e o pecado e por entendermos ser relevante olhar o mal e o sofrimento como fragilidades originais do ser humano, vamos apresentar tais questões, em síntese, buscando a contribuição de diferentes autores. Nossa referência interpretativa é de evitar as visões de uma “teologia da retribuição”, meritória, capaz de em seu extremo gerar a ideia de um deus cruel. O mal é visto, sobretudo, por aquilo que prejudica ou fere a vida e a felicidade do humano e do mundo. Dentro da tradição teológica judaico-cristã será a referência do profetismo que melhor caracterizará essa visão.

Como decorrência da vocação teológica, desejamos ao final também indicar posturas que consideramos adequadas frente ao mal. Não se trata de “receitas prontas” ou de um manual nos velhos esquemas de “o que fazer” da política ou da apologética, mas é que a teologia também se transforma diante do mal e dos sofrimentos conseqüentes dele. E isso interpela a todos: os que sofrem e buscam uma explicação e os que refletem e sofrem junto, pois a teologia é um corte profundo na alma! Ela requer revisão de vida, recriação de valores, busca de significados profundos. Assim como a fé, ela também é “aquilatada no sofrimento”.

A teologia diante do pensamento moderno: implicações para o tema do mal

No campo da experiência judaico-cristã, as tensões entre a fé e a razão estão presentes desde os primórdios. Tais tensões marcam o contexto existencial de pessoas e grupos na longa jornada de busca de explicações sobre o mal no mundo.¹ As teodicéias, entendidas como “a justificação da bondade de Deus contra os argumentos tirados da existência do mal no mundo e, por consequência, a refutação das doutrinas atéias ou dualistas que se apóiam sobre esses argumentos” (LALANDE, 1996, p. 1124), surgem e são recriadas dentro de diferentes épocas, culturais e realidade sociais.

Cada momento histórico expressou formas diferenciadas das referidas tensões entre fé e razão, mas foi, sobretudo, no século XIX, após os impactos do racionalismo e do iluminismo na civilização ocidental que a teologia precisou enfrentar mais detidamente as questões relativas ao método científico e isso implicou incisivamente nas reflexões (ou ausência delas) sobre o mal no mundo. No referido século, o liberalismo teológico de Friedrich Schleiermacher (1768-1834), Albrecht Ritschl (1822-1899), Adolf Harnach (1851-1930) e outros foi a expressão que mais fortemente demonstrou o interesse pela articulação entre fé e ciência e entre teologia e história. Esta corrente, forte nos Estados Unidos e na Europa, especialmente no século XIX, está presente no Brasil, embora um tanto quanto desfigurada em relação às suas bases teóricas. De alguma forma o “Evangelho Social”, inspirado nas ideias de Walter Rauschenbusch (1861-1918) indicava, no Brasil, desde o início do século XX, suas pautas pastorais.

As ênfases da Teologia Liberal e os aspectos metodológicos principais dessa corrente formaram um criativo amálgama no qual houve uma dupla interação e influência mútua. Diante disso, houve certa desvalorização das reflexões em torno das imagens do Diabo, do inferno e similares, devido ao desgaste dessas imagens diante do pensamento moderno.

Entre as ênfases do liberalismo teológico podem ser listadas: a busca de aproximação entre teologia e ciências e entre fé e racionalidade moderna; visão antropológica positiva, com forte expectativa em relação à educação como possibilidade de promoção humana; relativização das perspectivas cristocêntricas e eclesiocêntricas com vistas à perspectivas universalistas e seculares; abertura para as questões próprias da relação entre Igreja e sociedade e a valorização do mundo como espaço do Reino de Deus; valorização da exegese bíblica e uma consequente visão histórico-crítica da Bíblia; aceitação dos valores culturais modernos; reforço das dimensões da individualidade e da subjetividade reduzindo a

¹ Sobre a temática do mal vista na perspectiva teológica há uma boa bibliografia. Veja em português, entre outros títulos: Evans (1995), Gebara (2000), Gesché (2003), Soares (2003), Sanford (1988), Estrada (2004, 2007), Queiruga (2007; 2011).

religião à esfera dos sentimentos; interpretação predominantemente ética do Cristianismo, em especial em relação ao dado salvífico.

O liberalismo teológico foi encantador, porque pregava o futuro que se avizinhava do presente. Acreditou-se que, de fato, “o Reino de Deus está próximo”. Era possível construí-lo, ver sinais cada vez mais nítidos e crescentes da implantação do Reino. Nessa concepção, o ser humano é bom, é realizador, e o mundo caminha para a paz tão sonhada; a educação, uma vez propiciada a todos, possibilitará evolução social, conscientização ética e justiça social. Orquestrando todo este projeto utópico, estava a razão iluminista. O mal, dentro desse quadro, portanto, fica sem o enfoque e a ênfase necessários. De forma mais aguda, “saem de cena”, o Diabo, o inferno, o purgatório e outros símbolos religiosos afins.

As análises sobre o ser moderno e autônomo indicaram que o ser humano tem-se tornado inseguro em sua autonomia, devido à fragmentação da visão de mundo que outrora lhe concedia sustentação existencial. As diferentes correntes filosóficas que submeteram todas as referências humanas à crítica – em especial os pensamentos de Marx, Nietzsche e Freud – destruíram a antiga visão de mundo que o ser humano possuía. Por outro lado, pouco fizeram no sentido de construir outra visão, uma vez que encontram, justamente nesta perspectiva, os próprios objetivos. O ser humano moderno progressivamente passa a deixar de possuir uma visão integral do mundo e por isso considera-se mais perto da realidade e sente-se confrontado mais profundamente com os aspectos problemáticos de sua existência do que aqueles que escondem esses aspectos sob a proteção de uma visão geral do mundo.

Juan Antônio Estrada (2007, p. 205-206), ao analisar o desenvolvimento das visões sobre Deus e o mal, afirma que no contexto da modernidade, que busca a autonomia da razão humana,

... a teodicéia abre passagem para a antropodicéia. Deus deixa de ser o ponto de referência a partir do qual se compreende o mundo e o homem. Por isso, o problema do mal desaparece enquanto problema teológico para transformar-se em problema antropológico e histórico. A única desculpa que Deus tem é a de não existir; conseqüentemente é preciso voltar ao homem e à sua práxis para abordar o sem-sentido do mal. O desencantamento do mundo está unido à morte de Deus; com isso a resposta ao problema do mal é o humanismo que busca curar os males e pôr as bases de uma sociedade emancipada, nome secularizado que substitui a ideia cristã do reinado de Deus.

Em contraposição ao liberalismo, que poderíamos chamar de uma teologia moderna de cunho racionalista, a conhecida neo-ortodoxia te-

ológica ou Teologia Dialética, de *Karl Barth* (1886–1968), *Emil Brunner* (1889–1966) e *Dietrich Bonhoeffer* (1906–1945) e outros, realçou, no século XX, outra metodologia teológica. Ao mesmo tempo as contribuições filosóficas e teológicas de *Paul Tillich* (1886-1965), de *Karl Rahner* (1904-1984) e de *Hans Küng* (1928 -) e toda a teologia católica moderna vão oferecer de maneira incisiva elementos teológicos que podem, em boa medida, refletir mais adequadamente sobre o mal e suas representações. Poderíamos denominar muito genericamente todo esse bloco de teologia moderna de cunho existencialista.

As ênfases dessas visões não podem ser facilmente resumidas, mas em síntese revelam a inovação que a reflexão teológica vivenciou ao levar em conta, seguindo *Pascal*, que ‘a razão tem razões que a própria razão desconhece’. Entre as principais características que se contrapõem à visão liberal-moderna destacam-se: o esforço em não aprisionar a reflexão teológica aos limites da razão, destacando para isso os elementos da fé, da graça e do absoluto em permanente correlação com a vida humana; a visão antropológica negativa, baseada na corrupção humana resultante dos processos socioculturais; um destaque para o caráter cristológico e eclesiológico da reflexão teológica cristã, em abertura e conexão com a dimensão ecumênica; avaliação teológica permanente dos problemas sociais e políticos e as implicações deles para a fé cristã e para a Igreja; defesa da centralidade da Bíblia na vida da Igreja e na reflexão teológica, considerando os avanços da pesquisa e da exegese bíblica e os desafios hermenêuticos oriundos do contexto da vida; crítica aos valores da sociedade a partir de uma correlação com a fé cristã, com ênfase nos desafios que os agrupamentos empobrecidos oferecem; distinção entre fé e religião, destacando a primeira como elemento fundamental da vida, que chega ao ser humano como dádiva graciosa de Deus.

Cada um desses elementos constitui possibilidades de se pensar o mal, sem nos tornarmos refém do racionalismo cientificista que caracterizou o pensamento teológico liberal. A partir da crítica à essa visão, ainda na primeira década do século 21, variadas correntes teológicas e pensadores surgiram, cada qual com especificidades metodológicas, incluindo aí as teologias políticas européias e latino-americanas, as de corte cultural como feminista, negra e indígena e a teologia das religiões.

Obviamente, não podemos nos pautar por idealizações ou mesmo generalizações sobre o mal. Cada pessoa, comunidade ou agrupamento que sofre o mal, ou mesmo a estigmatização de suas representações o sofre concretamente. É o que nos chamou a atenção a teóloga *Ivone Gebara* (2000, p. 241)., em sua obra *Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Ela indica que

... falar dos males das mulheres é abrir uma brecha nos discursos universalizantes de nossas teologias, é retomar experiências de proximidade, de lágrimas, de sofrimentos de pequenas alegrias como matéria de reflexão. É também fazer entrar a vida cotidiana, as relações breves, as paixões amorosas, a morte e o luto como vivência capaz de equilibrar a frieza das cifras, das estatísticas, dos discursos teológicos bem estruturados segundo normas preestabelecidas. Os discursos das mulheres, discursos literários, poéticos, teológicos, ou simplesmente gritos de aflição ou de alegria na vida rotineira de cada dia, dão um novo corpo à pesquisa teológica.

Essa mesma interpelação também surge de situações concretas de sofrimento vividas pelos setores pobres da sociedade e pelos grupos que sofrem discriminações de variadas procedências – étnica, de orientação sexual, sociocultural, religiosa, etc. – na maioria das vezes estigmatizados como representantes do mal.

Quais são, portanto, as possibilidades de uma interpretação teológica para o problema do mal no contexto atual? Destacaremos três pólos de reflexão: a relação com o pecado, o mal e o sofrimento vistos como fragilidade original do ser humano, e as posturas que, do ponto de vista teológico, consideramos adequadas para nos situarmos frente à realidade do mal.

2. O mal e o pecado

O termo “mal”, como se sabe, pode ser usado em sentido amplo e em um sentido estrito. Para o teólogo Paul Tillich, “o sentido mais amplo cobre tudo o que é negativo e inclui tanto destruição como alienação – a condição existencial do homem em todas as suas características. Se a palavra é usada neste sentido, o pecado é visto como um mal ao lado de outros” (TILLICH, 1984, p. 291). Nesse sentido, as estruturas de auto-destruição existencial permitem-nos apenas dar um primeiro passo para a compreensão daquilo que freqüentemente é descrito como sendo “o mal”

Se seguirmos os arquétipos míticos de interpretação do mal, apresentados por Paul Ricoeur em sua famosa obra *A Simbólica do Mal* não poderemos nos isentar em refletir sobre o pecado humano se desejarmos pensar sobre o mal. Os referidos arquétipos são: a) O drama cósmico, quando o mal vem do embate de dois poderes; b) O mito trágico, quando o mal resulta da ação de deuses vingativos; c) Os mitos gnósticos ou purificação da alma, nos quais o mal é visto como um meio para se alcançar o bem; e d) O mito adâmico, onde o mal é visto como decorrência da rebelião humana (pecado) contra os preceitos divinos.

O teólogo Vitor Westhelle, que sintetiza o mal como “uma imperfeição da natureza, uma distorção de um estado de integridade, ou a privação do bem”, nos indica que “na tradição judaico-cristã encontramos, em diferentes teologias, a predominância de uma ou outra das três acepções

básicas dos termos (imperfeição, distorção, ou a privação de bens) em combinação variada com os arquétipos míticos sobre a origem do mal, com clara predominância, mas não exclusividade, do mito adâmico” (WESTHELLE, 2008, p. 606). Mais uma vez, estamos diante da relação entre mal e pecado humano, ainda que realcemos que as situações de sofrimento e de mal no mundo não podem ser interpretadas meramente como resultado de pecado daquele que as enfrenta. O mal possui dimensões mais amplas e complexas, sendo que boa parte delas expressa de forma enigmática.

Pecado e salvação ganharam correlação na história do pensamento teológico, independentemente dos conteúdos e enfoques de cada um dos termos. Na visão da teologia cristã, o pressuposto da concepção de salvação é que o ser humano é justificado. A justificação introduz um “apesar de” no processo de salvação. Apesar das ambigüidades e das limitações, o ser humano é aceito por Deus (graça) e este também aceita essa situação (fé), na medida em que se abre para Deus. Tal abertura se baseia no reconhecimento de seu caráter de alienação e de pecado que o faz deixar de olhar a si mesmo em sua condição autodestrutiva, voltada para o mal e para o diabólico, para valorizar o ato salvífico e justificador de Deus. Trata-se da afirmação neotestamentária de que “não há distinção, pois todos pecaram e carecem da graça de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3. 23-24).

O pecado representa a ambigüidade, pessoal e coletiva, na vocação humana em não orientar-se para o Reino (= vontade) de Deus. Ao não reconhecer a sua finitude, o ser humano encontra-se na condição de pecador (cf. Gn 3). Portanto, ao não se compreender como finito, e, assim, desejoso de conhecer o bem e o mal, o ser humano intenta ser igual a Deus, o que o torna pecador.²

O reconhecimento do pecado faz com que o ser humano vislumbre a graça de Deus. Isso elimina a possibilidade, conforme indicou Juan Luis Segundo, de que o receio humano ao pecado transforme-se em angústia, falta de fé e falsa religiosidade. A ação criadora do ser humano é dom de Deus e objetivo da Criação, mas “é sempre uma mistura do amor com egoísmo e o pecado”. Nesse sentido, a impossibilidade de auto-salvação do ser humano, como defendemos, não se converte em inércia, despreocupação social, visão fatalista ou em apatia frente ao mal. Para o referido autor, “pelo contrário, se esquecemos nossa responsabilidade de criar um mundo que foi entregue (parcialmente) em nossas mãos ‘artesanais’, e preferimos esquecer nossa *responsabilidade* criadora para contabilizar

² Além das obras gerais de antropologia, veja, para a discussão sobre o pecado, as seguintes obras: Berkouwer (1970), Bingemer E Yunes (2001), Hofstätter (2003), Libânio (1975; 1999), Thévenot (2003), Newbiggin (1963), Scherzberg (1997), Moser (1996).

nossos méritos diante de Deus, por mais que cumpramos todos os preceitos de todos os decálogos, estaremos pecando. Porque não fomos criados para isso. E se, apesar de tudo, a isso pretendêramos chegar, estaríamos – como também disse Paulo – falhando para com a intenção criadora de Deus a nosso respeito, estaríamos deixando sua criação condenada à inutilidade” (SEGUNDO, 1995, p. 528-529).

Essa participação na graça (regeneração) e aceitação do amor de Deus pela fé (justificação) gera um novo estado de ser, uma transformação (santificação). Assim se caracteriza, por exemplo, para Tillich, o caráter tríplice da salvação, apresentado por ele na segunda parte de seu sistema teológico intitulado *A Existência e a Pergunta por Cristo* (Cf. TILLICH, p. 380-383).

O aspecto da salvação como transformação adquire substancial relevância se forem considerados o contexto latino-americano opressivo de exclusão social, de pobreza e de sofrimento e as intuições presentes em todo o processo de elaboração da Teologia Latino-Americana da Libertação. O ser humano não está simplesmente determinado pela bondade essencial ou pela alienação existencial, ele encontra-se determinado pelas ambigüidades da vida e da história e se abate sobremaneira na vida cotidiana especialmente a das pessoas pobres. O mal está à vista de todos. Analisar e compreender esse quadro complexo da existência humana, assim como extrair todas as conseqüências dele, permite que as reflexões presentes deixem de ser abstratas. O mal e os demônios possuem nomes completos e expressões concretas e tem sido difícil nos livrarmos deles. Tal perspectiva nos remete, então, à noção de pecado original, recorrente na história do Cristianismo.

As reflexões bíblicas sobre o pecado original indicam a realidade iníqua do ser humano. Não se trata de algo referente a um passado longínquo, mas de algo profundamente relacionado à existência humana no aqui-e-agora. Aliás, a palavra “original” nos dá um bom caminho para a reflexão. “Original” é quando somente nós temos ou possuímos algo. Se considerarmos os relatos bíblicos sobre Adão, veremos que o pecado é algo original do ser humano; tem a ver com a sua marca; com a sua condição existencial. Mesmo em termos de pecado pessoal, veremos que o pecado concreto cometido somente pode ter sido cometido por alguém.

Uma perspectiva teológica mais substancial expressa que a preocupação prático-pastoral não deve ser, como nas interpretações literalistas, sobre um ‘autor’ do primeiro pecado. O que nos leva a ter uma preocupação maior é se o pecado tem sido uma influência marcante na vida humana, produtora e reprodutora do mal, a ponto de querermos sempre depender dele. John Haught (2001, p. 143) traduz essa perspectiva ao afirmar que

... o pecado original, de acordo com a interpretação teológica contemporânea, não se refere a um acto específico cometido por um par progenitor num passado remoto, mas sim ao presente estado geral do nosso afastamento de Deus, uns dos outros e também do nosso mundo natural. Todos nascemos num mundo que é já profundamente imperfeito, devido em grande medida à ganância humana e à violência. “Herdamos” de facto ambientes, culturas, hábitos e maneiras de ser que misturam o bom e o mal. Assim, a noção de pecado “original” indica-nos que, pelo simples facto de termos nascidos neste mundo ambíguo, somos condicionados não apenas por tudo aquilo que é promotor da vida, mas também por toda uma história de mal e de oposição à vida.

O pecado original, portanto, aponta para a situação negativa em que se encontra todo ser humano nesse mundo. Todavia, o amor e a providência de Deus são suficientes para superar esta situação negativa. Assim, a reflexão sobre o pecado original (e não inicial) é de fundamental importância para que o ser humano tenha a consciência de sua natureza pecadora, geradora do mal, e de que ele depende sempre da redenção que vem de Deus. O ser humano alcançado pela graça de Deus obtém o dom gratuito da fé e vive a sua vida simultaneamente como justo e pecador, como já indicava perspectivas teológicas desde Martinho Lutero.

3. O mal e o sofrimento como fragilidade original humana³

Na atualidade, as novas formas religiosas, substitutivas das tradicionais, em certo sentido, por possuírem propostas globalizadoras e de resultados práticos e imediatos, respondem mais adequadamente ao mito moderno do progresso ilimitado (prosperidade). Elegem com nitidez inimigos e adversários, reais ou imaginários (como, por exemplo, a “Nova Era” e os desenhos de Walt Disney, para alguns grupos evangélicos), e com isso mobilizam a atenção de muitos com a sedução de que é possível tornar o futuro presente, que podem acabar com o mal e vencer Satanás, e de que o ser humano pode salvar-se a si mesmo e livrar-se do mal ao cumprir as práticas religiosas indicadas.

No campo cristão, mas não somente, é a proposta de saúde e de riqueza pessoais, a explicação religiosa das vicissitudes da vida, especialmente a partir das imagens dos demônios e das tentações e a da vitória sobre o mal e sobre Satanás, e a melhoria (suposta) da qualidade de vida pessoal que têm marcado mais substancialmente o cotidiano das igrejas e segmentos religiosos afins. Parece óbvio afirmar que o crescimento desta proposta se dá no Brasil, em meio a um contexto de crescente exclusão e desigualdade social e de decréscimo dos índices de qualidade de vida.

³ Abordagens peculiares sobre o sofrimento podem ser vistas em: Barbarin (1997), Fernando e Rezende (2002), Gerstenberger E Schrage (1987), Gutierrez (1987), Varone (2001).

São muitos os traços e nuances desta perspectiva, o que dificulta enormemente as sínteses. No entanto, sob o nome de Teologia da Prosperidade podem se agrupar visões como a “Confissão Positiva” (não aceitação da fragilidade humana), o “Rhema” (poder direto de Deus concedido pessoalmente aos crentes), a “Batalha Espiritual” (deslocamento religioso para explicações dos projetos históricos) e a “Vida na Bênção” ou “na Graça” (transferência da escatologia para a vida terrena). Em todas essas visões a vitória sobre o mal e sobre os poderes vistos como diabólicos e malignos está em evidência.

O fato é que esta perspectiva religiosa encontra-se em sintonia com o estágio de desenvolvimento do sistema econômico capitalista. Se considerarmos o fato de que o socialismo real no final do século passado ruiu, entre outros fatores, pela incapacidade de prover o bem-estar social que estava no bojo de suas promessas utópicas e que o capitalismo, em sua face neoliberal, reforça as ideias de que é possível a satisfação pessoal a partir do consumo, as propostas religiosas de prosperidade reúnem as melhores condições para alargar as margens do seu rio. Nesse sentido, uma reflexão teológica sobre o mal e uma análise criteriosa sobre as formas com as teodicéias são recriadas, devidamente articuladas com as demais áreas do conhecimento, especialmente as ciências sociais, antropológicas, psicológicas e econômicas, ganham cada vez mais relevância e urgência.

A realidade do mal reside na esfera complexa do mistério da vida. Não é fácil refletir sobre ele. Um caminho pode ser o de respostas rápidas e simplistas (como na linguagem comum que atribui meramente a responsabilidade do mal ao diabo). A pressuposição elementar é que em relação ao tema do mal, a teologia precisa ajudar a fé a se despir das vestimentas medievais que inibiam o ser humano a pensar sobre si mesmo e sobre o mundo e, dessa forma, entrar mais profundamente nos mistérios de Deus. A teologia, como interpretação de todas as realidades da vida, necessita identificar a ação diabólica no mundo. Ela precisa cumprir tal tarefa de forma robusta, não superficial ou ingênua, em diálogo profundo e interpelador com as fontes do saber – fruto das dádivas de Deus ao mundo. Satanás está presente no mundo como tentador, dividindo (dia-bólico = o que divide), acusando, desintegrando a vida humana e a criação. Todavia, na maioria das vezes não o reconhecemos, por que o procuramos com a roupagem mitológica do mundo medieval.

Além da crítica moderna, tanto a de caráter racionalista quanto a de caráter existencialista, às formas medievais de pensamento – que, incrivelmente, ganham espaço no mundo religioso atual, devido ao esgarçamento da razão moderna – faz-se necessário um olhar teológico, igualmente crítico, ao que se convencionou se chamar condição pós-moderna.

Dentre os aspectos da vida que precisam ser repensados, uma das características da condição pós-moderna, como nos lembra Juan Antonio Estrada (2007, p. 206), é que

... a ideia linear do tempo, de inspiração cristã, foi substituída pela ideia de um presente absolutizado, que perde referências tradicionais e utópicas. Dessa forma, o mal está consumado e não há espaço para a pergunta pelo sofrimento das gerações passadas. A única que se deve fazer é lutar por um mal menor nas gerações futuras, não havendo nenhuma fundamentação última que responda a pergunta sobre porque lutar contra o mal, muito menos à referente ao sacrificar-se em função das gerações vindouras.

Tal perspectiva não elimina o imperativo de que o sofrimento humano deva ser compreendido dentro das contradições e das vulnerabilidades humanas. Ele é a consequência normal da fragilidade física e moral da humanidade e do mundo e, por isso, deve ter o seu sentido encontrado na imanência dos acontecimentos e das causas destes. Um exemplo comum são as doenças e demais fragilidades humanas. Elas não podem ser interpretadas meramente como resultado de pecado daquele que a contraiu. A doença está relacionada à condição da limitação humana; e essa possui, por mais que as análises científicas tenham se desenvolvido, incluindo a psicanálise, uma dimensão enigmática e misteriosa. Quem já não ficou perplexo ou mesmo atordoado ao se deparar com a jovem amiga que falece por ser vítima de um câncer que surge não sabemos bem de onde?

Assim, tanto o sofrimento humano como o mal podem ser explicados a partir das injunções intra-mundanas, que inclui a fragilidade original da humanidade. Ressaltando, como nos adverte Paul Ricoeur, em seu texto *O Mal: um desafio à teologia e à filosofia*, que “existe uma fonte de sofrimento fora da ação injusta dos homens, uns em relação aos outros, catástrofes naturais (...), doenças e epidemias (pensemos nos desastres demográficos gerados pela peste, a cólera e, ainda hoje, pela lepra, para não falar do câncer), envelhecimento e morte. A questão, desde então, torna-se não mais ‘por quê?’, mas ‘por que eu?’. A resposta prática não é mais suficiente” (RICOEUR, 1988, p. 49).

Não é preciso dizer que o fortalecimento de perspectivas fundamentalistas e maniqueístas no campo religioso se dá, em geral, em contextos de crescimento do sofrimento humano e da degradação da vida resultante da inadequação de políticas públicas que gerem o bem-estar social, a sustentação e a dignidade da vida. Diante de quadros muitas vezes desoladores emergem com intensidade as perguntas pela realidade do mal e do sofrimento. As respostas de caráter unívoco e imediatas, especial-

mente as que destacam o papel e o poder do diabo, em geral são melhor acolhidas nesses momentos. O que fazer diante disso? Como a teologia poderia ser ao mesmo tempo consistente e relevante para as massas da população que enfrentam as crises, os males sociais e a morte?

Obviamente, não temos respostas acabadas para tais questões. Mesmo porque, se assim fizéssemos estaríamos incorrendo no mesmo equívoco que criticamos nas posturas de caráter fundamentalista. Todavia, por intuição, consideramos que há pressuposições antropológicas que relativizariam as convicções fundamentalistas e, com isso, dariam uma base mais profunda e permanente para as respostas advindas das inquietações humanas. Um desses pressupostos é o ‘desejo de futuro’ que encontra guarida na existência humana. É o que nos indica John Haught (2009, p. 17):

No entanto, mesmo na melhor das circunstâncias, em alguma instância de nosso ser, ainda anelamos por um novo futuro, mesmo quando nos apegamos ao passado ou ao presente. Um senso do porvir (*adventus*) de Deus nos atravessa, nos faz ansiar por uma liberdade mais profunda, por um horizonte existencial mais amplo. Não obstante, a exemplo dos bem estabelecidos, permanecemos ligados àquilo que é ou foi, e não ao que será. Os destituídos, aqueles que agora não têm em que se amparar, são mais abertos à promessa de um mundo radicalmente novo. São seus ouvidos que o fogo do Evangelho primeiramente queima com as novas perturbadoras do advento de Deus.

Tais perspectivas revelam um forte otimismo, com o qual comungamos, diante da vida e também diante das possibilidades de superação do mal no mundo. Elas estão em sintonia com as visões que emergiram no contexto teológico latino-americano desde os anos de 1960, pois elas traduzem, de certa forma, a *força histórica dos pobres*. Elas também nos ajudam a olhar a vida de tantas comunidades religiosas, especialmente as do mundo popular pentecostal, tanto no universo evangélico como no católico, com a distinção necessária entre o vivido de fato e o visto superficialmente por nós. Pode ser que nem todas as realidades tachadas de fundamentalistas sejam de fato assim; ou, pelo menos, que possam ter elementos libertadores que gerem a sua própria superação. Além disso, é bom lembrar que as formas inclusivas e solidárias de relacionamento humano – e o mundo religioso pentecostal está repleto delas – possuem razões que a nossa própria razão calculista desconhece.

Também há outro aspecto antropológico que não pode ser esquecido. Trata-se da tendência humana ao mistério. Se o naturalismo, entendido como reducionismo científico, e o fundamentalismo são filhos da verdade

“pronta e acabada”, o mesmo não se dá com a ciência, em sentido amplo e com a religião. Elas são filhas do mistério. O mesmo Haught (2009, p. 42), ao interpretar Pannenberg, nos mostra que

... a tendência ao mistério é traço fundamental da existência humana, e não apêndice alternativo, próprio dos retardatários pré-científicos. As pessoas são naturalmente abertas não só ao mundo, mas também à alteridade transcendente, muito antes de qualquer convicção efetiva de que são destinatárias de uma palavra reveladora.

Futuro e mistério não são, em geral, duas palavras muito frequentes nos ‘dicionários teológicos’ atuais. Talvez, devêssemos reconhecer esse fato e fazer uma autocrítica. É fato que muitos outros fatores interferem nos processos da vida e da religião: o pecado como ambigüidade original do ser humano, a incapacidade de articulação da dimensão extática da razão humana com a que é cognitiva, os interesses presentes nas formas de exercício do poder, especialmente os que geram o mal, a violência e o sofrimento humano e tantas outras situações que abrem as margens para o rio cada vez mais caudaloso dos fundamentalismos. Mas, eles podem ser interpelados. Uma antropologia teológica e uma teologia da criação substancialmente bíblicas e em diálogo crítico com as perspectivas científicas representam um caminho frutífero e desafiador.

Na busca de uma conclusão: Posturas filosóficas e teológicas diante do mal

A posição teológica que advogamos leva-nos a entender que os males que se abatem sobre o ser humano, para serem compreendidos, quer seja no seu sentido ou origem, devem primeiramente passar pela crítica racional e científica, não obstante ainda restar o caráter de mistério para as realidades negativas do ser humano que não encontram explicações racionais. A abertura ao mistério não é e nem pode ser uma negação da lógica racional e moderna de se compreender as vicissitudes da vida e as manifestações do mal no mundo. Mas, o reconhecimento das impossibilidades de explicação sobre o mal é também uma resposta plausível. Nas palavras de Juan Antonio Estrada: “O não-saber é também a resposta cristã diante do mal, por que o cristianismo não é uma gnose, nem uma nova forma de sabedoria como pretendem os gregos, mas põe em primeiro plano a loucura da cruz, a fim de afirmar que Deus está nas vítimas e que o mal é a ante-sala da ressurreição, e oposição à concepção grega da divindade” (ESTRADA, 2007, p. 212).

Do ponto de vista da teologia cristã, há uma diferença crucial entre o contexto de “satisfação compensatória” da experiência da cruz e o de

“revelação divina” dessa mesma experiência. A diferença se dá, fundamentalmente, na dimensão adquirida pelo sofrimento quando, pleno de sentido, refere-se ao seguimento de Jesus e às suas conseqüentes relações e pressões. A experiência de seguimento revela, ao mesmo tempo, o aspecto (sofrido) da cruz e o sentido (prazeroso) da ressurreição. A revelação divina possibilita a liberação do desejo humano de liberdade e realização, sem se confundir com a visão religiosa que interpreta o sofrimento e o mal como ações meritórias. O sofrimento humano não é conseqüência direta e mecânica de um pecado original/inicial, não possui para Deus qualquer valor compensatório ou reparador e tampouco é causado ou permitido por Deus como advertência ou castigo.

Portanto, ante ao sofrimento e ao mal, as pessoas assumem, dentro da perspectiva teológica cristã, a tríplice atitude de silêncio-crítica-aprendizado, articulada intrinsecamente com a cruz de Jesus. Trata-se de assumir a cruz, com todos os seus riscos e com o reconhecimento da inevitabilidade do sofrimento deles derivados. Não se trata de assumir a cruz pela cruz, como mera identificação com a cruz/sofrimento de Jesus e sim de responder livre e positivamente ao chamado ao seguimento dele e de viver a vida dentro dos referenciais utópicos que antevêm a superação do mal na sinergia divino-humana regida pelos valores da paz, da justiça e da integridade da criação, identificada na tradição cristã como sendo a vontade (= Reino) de Deus.

Em linhas gerais, a antropologia teológica indica que, diante do mal, as pessoas ou as comunidades não devem estar imobilizadas frente a qualquer situação, mas devem:

(a) procurar uma compreensão possível para as realidades em questão, levando em conta os aspectos mínimos da racionalidade humana. Isso se conecta ao que Paul Ricoeur chamou de “plano de pensamento”, em seu texto *O Mal: um desafio à teologia e à filosofia*, já referido.

(b) reconhecer que a racionalidade possui limites e que as situações marcadas pelo mal, nem sempre apresentam explicações facilmente encontradas. Isso está associado, ainda que indiretamente, ao que Ricoeur no mesmo texto denominou de “transformação espiritual de sentimentos”.

(c) transformar a apatia comum em situações marcadas pelo mal em atitude ativa e concreta de superação do mal e busca do bem-estar das pessoas e de toda a criação. Ou nas palavras de Ricoeur: “antes de acusar Deus ou de especular sobre a origem demoníaca do mal no próprio Deus, atuemos ética e politicamente contra o mal” (RICOEUR, 1988, pp. 48-49).

Diante dessas posturas, a resposta existencial e teológica, firmada no plano dos sentimentos, requer ainda três outros posicionamentos,

como indicou Ricoeur, que, a nosso ver, são substanciais e significativos para a vida. São eles:

1. Reconhecimento da ignorância em relação aos mistérios profundos do mal. Trata-se de *saber* dizer: “não sei por que isso ocorreu”. Juan Antonio Estrada corrobora com essa visão ao afirmar que o postulado da fé cristã “não é uma explicação teórica do porquê e do para quê do mal, subsistindo ainda questões não resolvidas para as quais não há respostas convincentes. [A escatologia cristã] permite que o cristianismo seja acolhido não como uma gnose que oferece salvação pelo conhecimento, mas a partir de uma hermenêutica de sentido que parte da vida e da morte de Jesus e do anúncio da ressurreição” (ESTRADA, 2007, p. 214).
2. Postura não passiva, baseada na aliança divino-humano, que justifica uma “teologia do protesto” contra a ideia de ‘permissão’ divina do mal. Trata-se, nesse caso, de *poder* dizer: “Até quando, Senhor?”. Seguindo ainda J.A. Estrada, vemos que a escatologia cristã “defende que a criação não é como deve ser (contra os que legitimam o mal porque é inerente a um mundo imperfeito, por ter sido criado), mas afirma que pode ser possível um mundo sem mal e que a esperança cristã é dirigida para essa utopia. É uma crença na salvação que dá sentido e gera o compromisso transformador” (ESTRADA, 2007, p. 214).
3. Fundamentação da fé em Deus independentemente do sofrimento e de suas causas. Ou seja, *desejar* dizer: “Eu creio em Deus *apesar* do mal”. O mesmo Estrada (2007, p. 213) afirma que “uma coisa é crer em Deus, afirmar que na mensagem bíblica há fundamento para a esperança e para a ânsia de sentido, e outra é pensar que há uma explicação racional para todas as dimensões do mal e que a partir de Deus poderíamos explicar tudo” (Tal perspectiva de fé encontra na esperança escatológica cristã a visão de que o mal venha a não mais ter poder na história, como expresso no Evangelho de Mateus que apresenta a oração de Jesus pela libertação de todo o mal e de suas formas de representações condenatórias como a do inferno, especialmente quando afirma: “livra-nos do mal” (Mt 6.13).

Bibliografia

- BARBARIN, G. *O Livro da Morte Doce: não temer o momento da morte*. São Paulo-SP: Paulus, 1997;
- BERKOUWER, G. C. *Doutrina Bíblica do Pecado*. São Paulo-SP: Aste, 1970;
- BINGEMER, M. C. Lucchetti ; YUNES, E. (orgs.). *Pecados*. São Paulo-SP/Rio de Janeiro-RJ: Loyola/PUC, 2001;
- ESTRADA, J. A. *Impossível Teodicéia: a crise da fé em Deus e o problema do mal*. São Paulo-SP: Paulinas, 2004.

_____. *Imagens de Deus: a filosofia ante a linguagem religiosa*. São Paulo-SP: Paulinas, 2007.

EVANS, G. R. *Agostinho sobre o Mal*. São Paulo-SP: Paulus, 1995;

FERNANDO, E.; REZENDE, J. *Dores que nos Transformam: quando frágeis, então somos fortes*. Rio de Janeiro-RJ: Mauad, 2002;

GEBARA, I. *Rompendo o Silêncio: uma interpretação feminista do mal*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

GERSTENBERGER, E. S.; SCHRAGE, W. *Por que Sofrer? O Sofrimento na Perspectiva Bíblica*. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1987;

GESCHÉ, A. *O Mal*. São Paulo-SP: Paulinas, 2003;

GUTIERREZ, G. *Falar de Deus a partir do Sofrimento do Inocente*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1987;

HAUGHT, J. *Cristianismo e Ciência*. São Paulo-SP: Paulinas, 2009.

_____. *Cristianismo e Evolucionismo*. Lisboa-Portugal: Gradiva, 2001.

HOFSTÄTTER, L. O. *A Concepção de Pecado na Teologia da Libertação*. São Leopoldo-RS: Ed. Nova Harmonia, 2003;

LIBÂNIO, J. Batista. *Pecado e Opção Fundamental*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1975. [Edição similar: *Crer e Crescer: orientação fundamental e pecado*. São Paulo-SP: Ed. Olho D'água, 1999];

MOSER, A. *O Pecado – do descrédito ao aprofundamento*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

NEWBIGIN, L. *Pecado e Salvação*. São Paulo-SP: Imprensa Metodista, 1963;

QUEIRUGA, A. Torres. *Esperança apesar do mal: a ressurreição como horizonte*. São Paulo-SP: Paulinas, 2007

_____. *Repensando o Mal*. São Paulo-SP: Paulinas, 2011.

RICOEUR, P. *O Mal: um desafio à teologia e à filosofia*. Campinas-SP: Papirus, 1988.

SANFORD, J. A. *Mal – o lado sombrio da realidade*. São Paulo-SP: Paulus, 1988;

SCHERZBERG, L. *Pecado & Graça na Teologia Feminista*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997;

SEGUNDO, J. L. *Que mundo? Que homem? Que Deus? Aproximações entre ciência, filosofia e teologia*. São Paulo-SP: Paulinas, 1995.

SOARES, A. M. A.; VILHENA, M. Â. *O Mal: como explicá-lo?* São Paulo-SP: Paulus, 2003;

THÉVENOT, X. *Pecado: O que é? Como se faz?* São Paulo-SP: Loyola, 2003;

TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. São Paulo-SP: Paulinas & Sinodal, 1984.

VARONE, F. *Esse Deus que Dizem Amar o Sofrimento*. Aparecida-SP: Ed. Santuário, 2001.

WESTHELLE, V. “Mal”. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo-SP: ASTE, 2008, p. 606-608.